

*''Depois da energia elétrica,  
da energia atômica,  
só uma terceira energia chamada alegria  
poderia realizar grandes eventos. ''  
(A genialidade profética de João Jorge Trinta).*

Corações à espera:

**- Que será do carnaval?**

Questionam os sambistas na Festa da Penha, no oito de dezembro de 1918, séc. XX.

*David Butter, jornalista e pesquisador do carnaval, descreve:*

*''À época, a Festa da Penha era um terreno de teste para canções, onde se esbarravam figuras das Sociedades, dos Ranchos, dos Blocos e da incipiente Música Popular Brasileira. Para lá, mudava-se por alguns dias, a Pequena África, com as tias baianas e suas barracas. ''*

*O matinal O Paiz, em 03 de março de 1919, descreve:*

*''O Carnaval não morreu. Vingou-se gloriosamente das restrições que o passado lhe impôs na guerra e prestou um ótimo serviço de fazer escurecer a visita macabra da 'espanhola'. ''*

Extinta a dor da Primeira Guerra Mundial. Asfixiada a Gripe Espanhola.

Findo o ano de 1918.

## **SINOPSE**

1919.

**'' E o Mundo não se acabou. ''**

(O carnaval de 1919 foi uma das inspirações para o compositor Assis Valente - música eternizada na voz inesquecível de Carmem Miranda).

Os cronistas dos principais jornais da cidade assinam como PIERROT as notícias matinais que prenunciam a *Chegada do Carnaval*. No jornal O Malho, a charge do cartunista Hélios Seelinger revela em nanquim traços de saudosos foliões esquecidos do imaginário popular. Momo deixa de ser tratado como Rei, é elevado aos céus para ser glorificado como Deus, no dia 1º de março de 1919.

Confino a tristeza, me despeço das trevas. Rompo o isolamento de uma infinda solidão. Calçadas testemunham passos contidos, janelas se entreabrem. Inebrio-me com os ares do Marca-meu-Coração. A Casa das Fazendas Pretas retira os fardos de um luto elegante, que vestiu a dor dos últimos tempos – em seu lugar o lume dos brocados, das rendas e cetins. Entrelaço o olhar nas fitas métricas da Boutique Le France, recebendo os primeiros foliões. Céu desenhado por varais de ventarolas da Casa Buis, na Rua do Ouvidor. A nova dama do cabaré se faz presente nas esquinas da Avenida Mem de Sá, seguindo o legado da cafetina Alice Cavalo de Pau, dizimada pela gripe. Sou um PIERROT em recesso das redações de jornais. Faço parte da nata da sociedade que se prepara para o último baile pré-carnavalesco do Clube dos Democráticos. Evoco a vingança da vida!

**''...Assim é que é, viva a folia!**

*= Não Há Tristeza  
que possa suportar =  
A tanta Alegria =*



**Viva Momo, viva a troça!  
Não há tristeza que possa  
suportar tanta alegria. ``**

*(Canção de baile do pré-carnaval dos Democráticos, Autor Desconhecido, 1919).*

O carioca instaura a desforra da peste na primeira manhã de um carnaval. Ensaio um canto a contemplar a concentração dos préstitos das Grandes Sociedades: a Barca da Vitória, do Clube dos Democráticos; a *Hespanhola*, do Tenentes do Diabo e o icônico Chá da Meia-Noite, dos Fenianos. Parto no Bonde da Vingança para a Praça da República, conduzido pelo popular Jamanta - desvairado folião a retomar a nossa delirante fantasia de viver, levada por espíritos revoltosos. Esbarro nas Cocotas Emplumadas e me embriago num ardente xarope de Calibrina. Desfaço a melancolia de uma face mal-ajambrada, que revela o sorriso envolto à alegria do bloco Carões mascarados.

Nas ondas da Avenida Beira-Mar, dou cor à angústia em folhas de papel crepom. Contemplo corsos engarrafados de flertes e melindrosas. Autos que figuram deusas ávidas, despertando o olhar sensual do jovem Nelson Rodrigues. Bandas marciais fanfarram por coretos e boulevards ao denotarem o traço Art Decò de J.Carlos. Numa das esquinas da Rio Branco, de um bar, exclama um folião: - Chegou o Caveirinha! Mestre que driblou a morte a desfraldar seu pavilhão, no primeiro desfile do Cordão da Bola Preta. Peço exílio a milhares de corações aglomerados no Bloco do Eu Sozinho – cortejo que rendeu ao folião Júlio Silva, 53 memoráveis carnavais. Nas matinês, o moleque mestiço com chapéu de jornal Tico-Tico, em que retrato o Rio em palavras e desenhos. O beijo na serpentina declara um amor que se desdobra nas batalhas de flores da Avenida Central.

Reside em mim a eterna fantasia de um palco reanimado. Pernaltas vibram cornetas, que prenunciam os bilhetes dos grandes bailes de clubes e *theatros*. Escadarias conferem um refinado bailado, sacadas preenchem vivências que revelam a fúria de uma metrópole em festa. Orquestras animam valsas, dando um baile em qualquer tristeza. Bombons adoçam sentimentos. Na luz da ribalta, o equilíbrio dos artistas do Circo American-France. Figuras macabras de um salão (diabinhos, morcegos, bruxas) curvam-se à sombra de aplausos aos heróis da Cruz Vermelha. Descortino lembranças heroicas de vestes bordadas por sagradas mãos do caldeirão da Praça Onze.

O carnaval é do corpo e o samba é de alma preta. Na Pequena África, reverencio as tias curandeiras que extirparam o mal da gripe de centenas de baianos e mestiços. Borboletas Negras clamam a transformação para uma sociedade igualitária. Guerreiros Paladinos empunham lanças tribais pela legitimidade do samba - que se faz o principal gênero musical do carnaval. O folclórico Grupo Caxangá, de João Pernambuco, germina a criação dos Oito Batutas. Entraram Donga, China e Pixinguinha – a primeira linhagem de sambistas. O lenço negro caído dos sobrados dá lugar ao colorido de estandartes dos ranchos. Evoco o Senhor da Cura! Cubra-nos com suas palhas! Que teu xaxará afaste de vez todas as mazelas que vierem tocar os sambistas.

O único contágio possível? A alegria.

**``A alegria estava entre nós,  
era dentro de nós que estava a alegria.  
A profunda e silenciosa alegria. ``**

*(``Sonhos de uma terça-feira gorda``, de Manuel Bandeira).*





Ar libertário na manhã de um último dia de carnaval. Um Rio em transe, de almas cantantes, em uma catarse de alegria. ``Desmascaro`` um Rio que o próprio Rio não conhecia – esperança para os dias atuais. Volto aos dias calorosos, dos abraços afetuosos como todo carioca preza. Corpos que se transpassam, mãos que se unem nos reencontros familiares–Folião-Original a exorcizar toda saudade. Figuram tribos ébrias, corações perambulantes em estado de graça. Euforia que não derrubou a sabedoria dos foliões mais antigos a procurar, na Quarta de Cinzas, os seus. Pulsa no epicentro da capital, o Destemidos do Conselheiro, que clama revanche a se ouvir do outro lado da Baía de Guanabara.

Aportam na enseada os revanchistas da Cidade Sorriso, lançados dos corredores da Barca XIX, *Nictheroy*-Rio. Alguns ensaiam um funambulesco banho de mar. Outros desembarcam sonhos de uma apoteótica travessia de balão. Sob um sol estridente, esvaíam-se cantoria adentro, embalados pelas composições do poeta barretense Zé de Matos. O Rio de Janeiro, memorável, desperta com a emoção que formaria, mais tarde, o chão da Unidos do Viradouro.

Adormeço em meio aos últimos foliões resignados: eram trapeiros que carregavam palmos de confetes e serpentinas de uma troça sem fim. Quarenta toneladas de uma folia que teve papel histórico. Retomar a vida pela alegria no maior carnaval de todos os séculos.

``Na Quarta-feira de Cinzas,  
o Rio despertou convicto  
de que vivera

o maior Carnaval de sua história.``

(``Metrópole à Beira-mar, o Rio moderno dos anos 20``, de Ruy Castro).

Estou me guardando para quando o carnaval chegar.

(Autoria Enredo, Texto) **Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon** – Carnavalescos

**\*Tributo à Marie Louise Nery (Nossa eterna Eneida). História do Carnaval Carioca:**

**Barca da Vitória** – Alegoria ao fim da 1ª Guerra Mundial; **Borboletas Negras** – Bloco feminino que desfilou na Praça Onze em 19; **Calibrina** – Famosa cachaça; **Carões** – Foliões humildes, mascarados improvisados; **Casa Buis** – Armazém de artigos carnavalescos; **Casa das Fazendas Pretas** – Loja de tecidos; **Caveirinha (Álvaro Gomes de Oliveira)** – Fundador do Cordão da Bola Preta; **Caxangá** – Grupo carnavalesco de inspiração afro-nordestina, de João Pernambuco; **Chá da Meia-Noite** – Alegoria da lenda urbana de um chá mortal oferecido na Santa Casa de Misericórdia; **Cocotas Emplumadas** – Bloco de homens travestidos de Galinhas (revanchistas à dita curativa canja de galinha); **Destemidos dos Conselheiro** – Grupo de Zé-Pereira da Saúde/Gamboá; **Folião-Original** – O folião eleito o mais animado; **Funambulesco** – *adj.* excêntrico, brincalhão; **Guerreiros Paladinos** – Bloco de homens pretos da Cidade Nova; **Hespanhola** – Carro alegórico de leque espanhol; **Jamanta (Zé Cordeiro)** – Condutor ferroviário do antecessor Bonde da Morte; **Marca-meu-coração** – Famoso lança-perfume; **Préstitos** – Apresentação, desfile; **Trapeiros** – Catadores de papel; **Xaxará** – Cajado de Omulu (orixá da cura); **Zé de Matos** – Compositor de Carnaval do Largo do Barreto.

(Pesquisa) **Marcus Ferreira, Tarcísio Zanon e Igor Ricardo**



(Revisão textual) **Henrique Pessoa**

(Agradecimentos especiais)

Aos nossos atuais PIERROTS.

**David Butter, Ruy Castro.**

CASTRO, Ruy. *Metrópole à Beira-mar, o Rio Moderno dos anos 20*, Capítulo: O carnaval da guerra e da gripe. Companhia das letras, 2019

BUTTER, David. *O carnaval de 1919*. - Em lançamento

SILVEIRA, Leandro. VIUG, Matheus. DELMAR, Winnie. *Antigamente é que era bom: A Folia Niteroiense entre 1900-1986*

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado. Música Popular Brasileira*. Paracatu Ed. Rio de Janeiro Ano 2006

BASTOS, Rafael José de Menezes. "Les Batutas, 1922: uma antropologia da noite parisiense", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 20, nº 58, São Paulo, Junho 2005

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*, Companhia das Letras, 1997.

CONY, Carlos Heitor. "O carnaval da gripe", in *Folha de S. Paulo*, 25/02/2001

BRITO, Nara de Azevedo. "La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro", In *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* [online], 1997, V. 4, n.1 (p.11–30)

DOS SANTOS, Ricardo Augusto. "O Carnaval, a peste e a 'espanhola'", in *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V. 13 (1) jan.-mar. Ano 2006 (p. 129–158)

SCHATZMAYR, Herman G. e CABRAL, Maulori Curié. "A virologia no Estado do Rio de Janeiro: Uma visão global", *FIOCRUZ*, Ano 2012 (p. 57–62)

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval, Seis Milênios de História*. Rio de Janeiro, GRYPHUS, Ano 2002

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. *O Carnaval na poética de Manuel Bandeira*, in *Darandina*, Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFJF, V. 2, (1), 2010

"Pixinguinha/Sinhô: Dados artísticos", in *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*

GONÇALVES, Renata de Sá. *Os Ranchos pedem passagem – O carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX*, Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Rio de Janeiro (p. 81–98)

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*, in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 3, n. 6, 1990

DA SILVA, Thiago Rocha Ferreira. *Eu quero é botar meu bloco na rua: a construção de uma cidadania da festa no carnaval de rua do Rio de Janeiro*", Tese de Doutorado em Geografia – UFRJ/IGEO/PPGG, 2013

Segundo o *Jornal dos Sports* (descrição sobre a música de Assis Valente):  
<https://jornaldossportsusa.com/bd-news/1920-apesar-de-todos-os-sinais-o-mundo-nao-se-acabou/>

*Não há tristeza  
que possa suportar  
— tanta  
Alegria —*